

EDUCAÇÃO SEXUAL NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: é importante falar ¹

SEXUAL EDUCATION IN PEDAGOGICAL PRACTICES:

it is important to talk about this

Natalia Tatielly Silva da Cruz ⁱ

RESUMO: A pesquisa analisa a educação sexual escolar fundamentada na psicanálise de Sigmund Freud. O estudo objetiva investigar as percepções e os desafios de docentes e coordenadores sobre a temática. Utiliza a abordagem qualitativa e exploratória mediante entrevistas com seis profissionais de escolas públicas municipais. A análise revela que o ensino ocorre de forma superficial e com enfoque na dimensão biológica, focado na prevenção do abuso. A conclusão aponta um distanciamento entre a teoria psicanalítica de Freud e a prática pedagógica.

Palavras-chave: Educação sexual. Psicanálise. Desenvolvimento psicosexual. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT²: The research analyzes school sexual education based on Sigmund Freud's psychoanalysis. The study aims to investigate the perceptions and challenges of teachers and coordinators regarding the theme. It uses a qualitative and exploratory approach through interviews with six professionals from municipal public schools. The analysis reveals that teaching occurs in a superficial manner and with a focus on the biological dimension, centered on the prevention of abuse. The conclusion

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Educação sexual nas práticas pedagógicas: é importante falar, sob a orientação do Prof(a). Me(a). Adil Antônio Alves de Oliveira - Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2025/2.

² Resumo traduzido por Professora Mestra Betsemens Barboza de Sousa. Graduação em Letras Português/Inglês pela UNEMAT Câmpus de Sinop (2013). Mestrado em Estudos Linguísticos pela UFMT Cuiabá (2015). Doutoranda em Letras pelo PPGLetras da UNEMAT Câmpus de Sinop (2025). <http://lattes.cnpq.br/5302438508837994>; teacherbettybarboza@gmail.com.

points to a gap between Freud's psychoanalytic theory and pedagogical practice.

Keywords: Sexual Education. Psychoanalysis. Psychosexual Development. Pedagogical Practices.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade é compreendida como uma dimensão constitutiva e intrínseca da experiência humana, manifestando-se desde o nascimento até a morte e envolvendo uma complexa rede de aspectos biológicos, sociais, culturais, psicológicos e políticos. Embora a sexualidade seja reconhecida como uma dimensão constitutiva e intrínseca da experiência humana, manifestando-se desde o nascimento até a morte, o ambiente escolar tem sido historicamente marcado por tabus, preconceitos e silenciamentos, em oposição a esse cenário de repressão, organismos internacionais, especificamente a UNESCO (2010, 2014), orientam que a educação sexual deve ser implementada de forma integral.

Essa perspectiva visa transcender a abordagem tradicionalmente restrita à prevenção de doenças e ao estudo biológico do sistema reprodutor, ampliando o foco educacional para contemplar as dimensões afetivas, sociais e o respeito à diversidade

Dessa forma, busca-se promover uma formação que valorize a subjetividade e a autonomia do educando, em vez de reduzir o tema a conteúdos técnicos e fragmentados.

O problema central desta pesquisa reside na análise de como a educação sexual é inserida e trabalhada pelos docentes no cotidiano escolar. Constata-se, de maneira recorrente, um descompasso entre a urgência de uma formação humana integral e a realidade das práticas pedagógicas, as quais, frequentemente, restringem a temática a abordagens biológicas fragmentadas e superficiais

Para fundamentar a análise, este estudo recorre aos princípios da Psicanálise de Sigmund Freud, (1905), especificamente à Teoria do Desenvolvimento Psicosssexual. A perspectiva freudiana promoveu uma ruptura paradigmática ao afirmar que a sexualidade não se restringe à puberdade ou à reprodução, mas é um elemento estruturante da personalidade desde a infância, organizado em fases (oral, anal, fálica, latência e genital). Sob essa ótica, o aluno é visto como um sujeito de desejo e conflito, e a função da educação deveria ser a canalização construtiva da energia pulsional (sublimação), e não a sua simples repressão.

O objetivo geral deste artigo é analisar as percepções, os desafios e as estratégias utilizadas por docentes e coordenadores no contexto das duas escolas públicas municipais de Sinop-MT acerca da temática da educação sexual. Justifica-se a relevância deste estudo pela necessidade de compreender as barreiras que impedem uma prática pedagógica mais profunda, como a falta de formação docente específica e o receio das reações familiares e religiosas.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e do tipo exploratória. A investigação empírica foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com seis profissionais da

educação (quatro professores e dois coordenadores), buscando interpretar os significados e as vozes dos sujeitos em seu contexto real.

O artigo está estruturado em quatro seções principais, além desta introdução: a fundamentação teórica sobre o desenvolvimento psicosssexual; a descrição dos procedimentos metodológicos; a análise e discussão dos resultados obtidos no campo; e, por fim, as considerações finais sobre os caminhos para uma educação sexual emancipatória.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 A Psicanálise e o Desenvolvimento Psicosssexual: Da Teoria do Inconsciente à Mediação Escolar

A Psicanálise, estabelecida como ciência e método investigativo, promoveu uma ruptura paradigmática ao propor a compreensão da vida psíquica em sua complexidade, superando os limites da consciência. Através da célebre metáfora do iceberg, Freud (1905) destacou que a consciência representa apenas a ponta visível da mente, enquanto a maior parte, composta por desejos reprimidos, conflitos e pulsões, permanece submersa e decisiva para o funcionamento psíquico. Essa perspectiva inaugurou a chamada Psicologia Profunda, que reconhece o ser humano como um sujeito atravessado pelo inconsciente.

Uma das formulações mais impactantes dessa teoria é a Teoria do Desenvolvimento Psicosssexual, apresentada em 1905, que subverteu a concepção moralista da época ao afirmar o caráter constitutivo da sexualidade desde o início da vida. Diferente das explicações puramente biológicas, a sexualidade na Psicanálise é compreendida como um efeito de laços afetivos, fonte de prazer e elemento estruturante da personalidade. O motor central desse processo é a Libido, definida como a energia psíquica fundamental que motiva a busca por amor, contato e intimidade.

De acordo com Freud (1905) essa energia se concentra em diferentes zonas erógenas ao longo de cinco fases universais que são as Fase Oral (0 a 2 anos), Fase Anal (2 a 4 anos), Fase Fálica (3 a 6 anos), Período de Latência (6 a 10 anos) e Fase Genital (puberdade em diante).

A mediação desse desenvolvimento ocorre através da tríade estrutural do aparelho psíquico: o Id, fonte das pulsões regida pelo prazer; o Superego, que atua como órgão de repressão baseado em valores morais e sociais; e o Ego, que busca o equilíbrio entre as exigências internas e a realidade externa.

No contexto educacional, o aspecto pedagógico da escola assume um papel essencial de mediação. Conceitos como a transferência afetiva na relação professor-aluno e a sublimação, a transformação da energia pulsional em produções culturalmente valorizadas, como o conhecimento são vitais para que a educação não seja mera repressão, mas canalização construtiva. Em consonância com a UNESCO, a educação sexual deve ser integral, abordando não apenas a biologia, mas dimensões afetivas e sociais, promovendo o respeito à diversidade.

Contudo, a prática docente enfrenta desafios estruturais, como a falta de formação específica e o desconforto gerado por tabus religiosos ou familiares. O papel da escola não é impor verdades, mas fornecer informações científicas e de qualidade para que o aluno possa exercer sua sexualidade de forma autônoma e responsável. Assim, a orientação sexual deve ser um processo formal e sistematizado, permitindo que a escola atue como um espaço de diálogo que preencha as lacunas deixadas pela mídia e pela família.

2.3 O Desenvolvimento Psicosssexual e o aspecto Pedagógico

A sexualidade é compreendida como uma dimensão constitutiva e intrínseca da experiência humana, manifestando-se do nascimento à morte e envolvendo complexos aspectos físicos, biológicos, sociais, culturais e psicológicos. No campo teórico, a Psicanálise, estabelecida por Sigmund Freud, promoveu uma ruptura paradigmática ao revelar que a consciência representa apenas a "ponta visível" da mente humana (metáfora do iceberg), enquanto a maior parte do funcionamento psíquico é regida por processos inconscientes, desejos reprimidos e pulsões.

2.4 A Teoria do Desenvolvimento Psicosssexual em Freud

A formulação central deste estudo baseia-se na Teoria do Desenvolvimento Psicosssexual, apresentada em Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905). Freud subverteu a visão moralista da época ao afirmar que a sexualidade não se restringe à puberdade ou à reprodução, mas é um elemento estruturante da personalidade desde a infância. Nessa perspectiva, a sexualidade é vista como um "efeito de laços afetivos, fonte de prazer e elemento estruturante da personalidade".

O motor desse processo é a Libido, definida como a energia psíquica fundamental que perpassa a educação social da criança e motiva a busca por amor e intimidade.

Sigmund Freud (1905) promoveu uma ruptura paradigmática ao estabelecer que a sexualidade não se restringe à puberdade, mas atua como um elemento estruturante da personalidade desde o nascimento, organizando-se em etapas universais movidas pela libido.

Segundo Silva da Cruz (2025), esse desenvolvimento inicia-se com a fase oral (0 a 2 anos), na qual a boca é a zona erógena central e o seio materno constitui o primeiro objeto de ligação afetiva do bebê.

Em seguida, ocorre a fase anal (2 a 4 anos), caracterizada pelo deslocamento da energia psíquica para o controle dos esfíncteres e pela autodescoberta corporal, momento em que a criança lida com exigências de higiene e autonomia.

A fase fálica (3 a 6 anos) sucede esse período, sendo marcada pela descoberta das diferenças genitais e pela emergência dos complexos de Édipo e Electra, os quais Silva da Cruz (2025) aponta como fundamentais para a identificação psicosssexual e a formação da identidade do sujeito.

Posteriormente, o indivíduo entra no período de latência (6 a 10 anos), fase descrita por Romagnani et al. (2011) como um momento de adormecimento dos impulsos sexuais, permitindo que a energia psíquica seja redirecionada para o aprendizado intelectual e o fortalecimento dos vínculos sociais.

Por fim, a fase genital, que surge na puberdade, marca a maturação psíquica final, na qual o desejo sexual deixa de ser voltado para o próprio corpo e se direciona para objetos de amor externos.

Romagnani et al. (2011) reforçam que a compreensão dessas fases é vital para os educadores, pois a repressão inadequada dessas manifestações infantis pode resultar em neuroses e bloqueios emocionais na vida adulta.

2.5 O Aparelho Psíquico e o Processo Educativo

A estruturação da personalidade ocorre na interação entre três instâncias: o Id (princípio do prazer e das pulsões), o Superego (órgão de repressão e moral social) e o Ego (mediador regido pela realidade). No contexto escolar, a educação não deve ser apenas repressiva, mas deve focar na sublimação, a transformação da energia pulsional em produções culturais e conhecimento, e no manejo da transferência afetiva na relação professor-aluno.

A compreensão da sexualidade no ambiente escolar exige uma fundamentação teórica que supere visões meramente biológicas e reducionistas. Segundo Romagnani et al. (2011), o conhecimento da teoria do desenvolvimento psicosssexual de Freud é vital para educadores e pais, pois permite que eles ajam de forma ponderada, racional e não repressiva diante das manifestações infantis. Os autores argumentam que a repressão inadequada da sexualidade infantil ou a fixação em etapas específicas do desenvolvimento podem gerar neuroses e bloqueios emocionais profundos na vida adulta.

Além disso, Romagnani et al. (2011) criticam o modelo tradicional de educação sexual, que muitas vezes ignora a totalidade complexa do ser humano — que envolve corpo, mente e afetividade — para focar exclusivamente em métodos contraceptivos e na prevenção de doenças.

Martini (2016) alerta que a educação sexual nas escolas enfrenta sérios obstáculos devido à confusão conceitual entre os termos "sexualidade" e "relação sexual". Esse equívoco alimenta tabus e preconceitos que dificultam o diálogo aberto, tornando os jovens e adolescentes mais vulneráveis a situações de risco por falta de orientação adequada, ainda que o despreparo docente é um fator crítico, frequentemente derivado de uma lacuna nos cursos de licenciatura que não integram teoria e prática de forma abrangente.

Para o autor, é fundamental que a escola se constitua como um ambiente acolhedor, onde a sexualidade seja tratada por meio de espaços de discussão e reflexão que permitam ao aluno construir o conhecimento de forma contínua e segura,

2.6 A Função Social da Escola e a Educação Sexual Integral

Em consonância com a UNESCO (2010, 2014), a educação sexual deve ser integral, abordando não apenas a prevenção de doenças, mas dimensões afetivas e o respeito à diversidade. Conforme defendem Braz e Miranda (2024), não cabe à escola impor verdades, mas sim "alicerçar a aquisição do conhecimento, de modo que, munido de informações precisas, o educando possa refletir sobre sua sexualidade".

Entretanto, Martini (2016) alerta que a confusão entre "sexualidade" e "relação sexual" gera tabus que dificultam o diálogo escolar. Lima (2024) reforça que a orientação sexual deve ser um processo formal e sistematizado, exigindo a intercessão intencional dos profissionais da educação para transformar a curiosidade espontânea em um campo formativo consciente.

2.7 Abordagem Metodológica

O estudo ancora-se em uma abordagem qualitativa do tipo exploratória. Essa escolha justifica-se pela necessidade de interpretar significados, crenças e valores dos sujeitos, captando dimensões subjetivas que não podem ser reduzidas a números.

A investigação empírica foi realizada em duas escolas públicas municipais de Sinop-MT, localizadas em área urbana. As escolas apresentavam diferenças em infraestrutura e apoio familiar, o que permitiu uma análise comparativa das práticas pedagógicas.

A amostra foi composta por seis profissionais da educação, selecionados de forma intencional: quatro professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental I e dois coordenadores pedagógicos. Os participantes possuíam formações diversas (Pedagogia, Letras, Matemática e pós-graduações) e tempo de experiência variando entre 4 e 26 anos.

A técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista semiestruturada, orientada por um roteiro de questões básicas apoiadas na teoria psicanalítica e nos objetivos do estudo. Segundo Triviños (1987), esse tipo de entrevista permite que o entrevistado participe ativamente da construção do conteúdo, expressando suas percepções com liberdade. As entrevistas foram realizadas individualmente no primeiro semestre de 2025, em ambientes escolhidos pelos próprios participantes para garantir conforto e sigilo.

As coletas ocorreram no primeiro semestre de 2025. As entrevistas, com duração média de 30 minutos, foram individuais, gravadas e posteriormente transcritas integralmente para análise.

Foi conduzida de forma descritiva e interpretativa, valorizando a multiplicidade de sentidos nas falas e buscando identificar padrões e tendências sobre como a educação sexual é trabalhada no cotidiano escolar. Articulando os achados empíricos com o referencial teórico freudiano e as diretrizes da UNESCO.

Garantiu-se o sigilo e anonimato, utilizando pseudônimos para substituir os nomes reais dos participantes, assegurando a liberdade de resposta e a confidencialidade.

A pesquisa enfrentou resistências significativas, como o receio de alguns docentes em conceder entrevistas devido ao tabu do tema e o medo de repercussões institucionais ou familiares. Algumas escolas também impuseram barreiras burocráticas, evidenciando a sensibilidade da temática no ambiente educacional.

2.8 Resultados e Discussão: A Sexualidade na Prática Pedagógica

Este tópico apresenta os dados coletados junto a seis profissionais da educação em duas escolas públicas de Sinop, Mato Grosso, sendo quatro professores e dois coordenadores pedagógicos. Os participantes possuem entre 4 e 26 anos de experiência e formações que abrangem Pedagogia, Letras, Matemática e Psicopedagogia. A investigação ocorreu em um contexto urbano onde as instituições apresentam variações em infraestrutura e apoio familiar, refletindo uma realidade social complexa.

2.8.1 A Fragmentação Curricular e o Enfoque Biológico

Os resultados demonstram que a educação sexual nas escolas investigadas é tratada de forma superficial e pontual, sendo restrita ao conteúdo de Ciências no quinto ano. A professora C relatou que o tema surge apenas no quarto bimestre, vinculado ao estudo do sistema reprodutor. A coordenadora F explicou que essa abordagem é determinada pela organização curricular de habilidades e mapas de foco, o que impede que a temática seja desenvolvida ao longo de todo o ano letivo.

Na discussão desses dados, percebe-se que essa prática confirma a confusão conceitual apontada por Martini (2016), na qual a sexualidade é reduzida ao ato sexual ou à reprodução. Sob a ótica freudiana, esse enclausuramento biológico ignora que a sexualidade é um elemento estruturante da personalidade presente desde o nascimento. Ao limitar o assunto ao quinto ano, a escola negligencia as fases oral, anal e fálica que já ocorreram, perdendo a oportunidade de mediar o desenvolvimento psicosssexual de forma integral.

2.8.2 O Despreparo Docente e a Lacuna na Formação Continuada

A pesquisa revelou um sentimento generalizado de insegurança entre os educadores. O professor B classificou-se como despreparado por causa dos fatores psicológicos envolvidos e das tensões nas relações familiares. A professora A também afirmou não se sentir totalmente preparada, enquanto a coordenadora F admitiu que a escola não oferece fóruns de discussão ou capacitação específica para os docentes.

Essa realidade reflete a desvinculação entre teoria e prática apontada por Martini (2016) nos cursos de licenciatura. A ausência de formação impede que o professor utilize conceitos como a

transferência afetiva e a sublimação para canalizar a curiosidade do aluno em conhecimento. Sem o amparo da teoria psicosssexual, o docente tende a agir de forma repressiva ou cautelosa demais, o que Romagnani et al. (2011) descrevem como prejudicial, pois pode gerar bloqueios emocionais e neuroses futuras nos estudantes.

2.8.3 O Desafio das Famílias e a Erotização Precoce via Mídia

Um dos resultados mais originais da pesquisa é o impacto do medo da reação dos pais, especialmente os de base religiosa, no silenciamento do tema. A coordenadora E relatou que explica aos pais que o trabalho será bem superficial para evitar questionamentos. Ao mesmo tempo, a professora C e a coordenadora F observaram que os alunos chegam com a sexualidade muito aflorada e precocemente erotizada por causa do acesso desmonitorado à internet e televisão, reproduzindo gestos obscenos sem entender seu significado real.

A análise desses fatos indica um paradoxo, pois enquanto a escola recua por receio do Superego social e familiar, a mídia preenche esse vazio de forma inadequada. A Psicanálise alerta que o período de latência, marcado pelo deslocamento da energia sexual para o aprendizado, está sendo atravessado por estímulos externos agressivos. De acordo com Braz e Miranda (2024), a função da escola não é impor verdades, mas fornecer informações científicas que permitam ao aluno refletir e fazer escolhas autônomas frente a essas influências.

2.8.4 A Centralidade na Prevenção do Abuso Sexual

Os dados mostram que a prática pedagógica se concentra majoritariamente na prevenção contra o abuso sexual, utilizando campanhas como o maio Laranja. A professora C mencionou o apoio de psicólogos e palestras do CRAS e do Conselho Tutelar para ensinar os alunos a diferenciar o toque amistoso do toque malicioso. A coordenadora E reforçou que a principal luta da escola é contra a violência sexual.

Embora esse trabalho seja vital, a discussão revela que ele é insuficiente para a Educação Sexual Abrangente preconizada pela UNESCO (2010, 2014). Ao focar apenas no perigo, a escola deixa de abordar a sexualidade como fonte de afeto, amor e identidade. Esse enfoque reducionista mantém o distanciamento da perspectiva freudiana, que vê o aluno como um sujeito de desejo e não apenas um organismo biológico em risco.

2.8.5 O Paradoxo do Silêncio Escolar frente à Erotização Midiática

Os resultados da investigação revelam um cenário contraditório: enquanto a escola adota uma postura de silenciamento ou abordagem superficial para evitar conflitos, os alunos estão expostos a

um fluxo desordenado de informações externa. Silva da Cruz (2025) observa que os estudantes chegam ao quinto ano com a sexualidade precocemente erotizada devido ao acesso sem monitoramento à internet e à televisão, manifestando comportamentos como o uso de vocabulário inadequado e gestos obscenos sem a real compreensão de seus significados.

Nesse contexto, Braz e Miranda (2024) argumentam que a escola não deve se omitir ou impor verdades, mas sim atuar como um alicerce para a aquisição de conhecimentos científicos que permitam ao educando refletir sobre sua própria sexualidade de forma autônoma

A omissão escolar, sob a ótica psicanalítica, deixa o aluno vulnerável a estímulos externos agressivos que atravessam o período de latência, fase em que a energia deveria ser canalizada para o desenvolvimento intelectual e social

Lima (2024) reforça que a orientação sexual precisa ser um processo formal e sistematizado, onde a intercessão intencional do professor transforme a curiosidade espontânea em um campo de formação consciente.

2.8.6 Resistência Institucional e o Peso do Superego Social

A pesquisa evidenciou que a insegurança dos docentes não é apenas técnica, mas também fruto de uma pressão social e familiar. O medo da reação de pais, especialmente aqueles com fortes convicções religiosas, atua como um "Superego" social que censura o debate pedagógico, levando coordenadores e professores a prometerem uma abordagem "bem superficial" para evitar confrontos.

Martini (2016) aponta que esse receio é alimentado pela confusão conceitual entre sexualidade e ato sexual, o que fortalece tabus e preconceitos que impedem o diálogo acolhedor. Essa falta de suporte institucional e a ausência de formação continuada impedem que o professor utilize ferramentas como a transferência afetiva para mediar o conhecimento.

Segundo Romagnani et al. (2011), o desconhecimento das fases do desenvolvimento psicosssexual por parte dos educadores pode levá-los a agir de forma repressiva, o que é prejudicial ao desenvolvimento do aluno, podendo resultar em neuroses e bloqueios emocionais na maturidade.

2.8.7 A Insuficiência do Modelo Biológico-Preventivo

Embora as escolas realizem esforços significativos na prevenção do abuso sexual por meio de campanhas como o "maio Laranja", os dados indicam que essa abordagem é insuficiente para atender às diretrizes de Educação Sexual Abrangente (ESA) da UNESCO (2010, 2014). O foco exclusivo no perigo e na biologia reprodutiva acaba por "mutilar" a dimensão psicosssexual do aprendizado, ignorando os aspectos de afeto, desejo e identidade.

UNESCO (2010) defende que a educação integral deve capacitar crianças e jovens com habilidades e valores para fazer escolhas responsáveis, o que inclui o entendimento sobre direitos corporais e a integridade individual.

Entretanto, conforme constatado por Silva da Cruz (2025), a prática escolar em Sinop permanece marginalizada e dissociada dessa formação humana integral, operando sob uma lógica disciplinadora que prioriza a norma biológica em detrimento da subjetividade do estudante.

Os resultados obtidos em Sinop desvelam uma realidade onde o silenciamento histórico e a falta de apoio institucional transformam a educação sexual em um campo de tensões, evidenciando a urgência de uma formação que considere as dimensões simbólicas e inconscientes que constituem o desenvolvimento humano.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a prática pedagógica nas escolas investigadas permanece marginalizada e dissociada de uma formação humana integral, operando sob um silenciamento que privilegia a norma biológica em detrimento da dimensão subjetiva do aluno.

No que tange aos objetivos propostos, a pesquisa logrou êxito ao analisar as percepções, os desafios e as estratégias utilizadas por docentes e coordenadores no contexto escolar. A abordagem qualitativa e exploratória permitiu captar com profundidade as nuances discursivas e a materialidade das práticas escolares em Sinop, Mato Grosso, cumprindo integralmente o que havia sido previsto no projeto de pesquisa ao revelar o distanciamento entre o referencial da psicosssexualidade e a realidade das salas de aula.

Em relação ao percurso metodológico, a efetiva realização da pesquisa encontrou obstáculos significativos que não haviam sido totalmente previstos e que evidenciaram a sensibilidade do tema. Houve uma dificuldade considerável em estabelecer o diálogo com alguns participantes, manifestada por resistências iniciais em conceder as entrevistas e receios quanto à repercussão das falas no ambiente de trabalho. Além disso, algumas instituições impuseram barreiras burocráticas ou solicitaram autorizações adicionais, o que demonstrou o temor de que a participação gerasse críticas da comunidade ou de pais religiosos. Essas mudanças de postura e os recuos observados no campo foram interpretados não apenas como entraves, mas como um achado importante que confirma o silenciamento histórico em torno do tema no espaço escolar.

A partir da experiência obtida com esta investigação, sugerem-se caminhos para a continuidade de estudos que aprofundem aspectos que o tempo e o recorte atual não permitiram esgotar. Recomenda-se que futuras pesquisas explorem a efetividade de programas de Educação Sexual Abrangente (ESA) conforme as diretrizes internacionais, ou que investiguem especificamente a correlação entre as crenças religiosas e valores pessoais dos docentes e suas resistências práticas ao tema. Outra sugestão relevante para novos investigadores é a análise da escola como um espaço de constituição subjetiva e humanização, indo além da transmissão de conteúdo para entender como a instituição pode acolher o desejo e a singularidade dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- BORGES-ANDRADE, J. E.; ZANELLI, J. C. Desafios metodológicos da pesquisa em Psicologia Organizacional e do Trabalho (Editorial). Estudos de Psicologia, 2001.
- CARVALHO, Luis Osete Ribeiro et al. Metodologia científica: teoria e aplicação na educação a distância. Petrolina-PE, 2019.
- COUTO, Daniela Paula do. Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito. (Mestre em Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, 2017).
- FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905). Tradução Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). Ensinar e aprender: alcançar a qualidade para todos. Paris: UNESCO, 2014.
- ROMAGNANI, Alessandra et al. Freud: a importância do conhecimento do desenvolvimento psicosssexual para a compreensão da sexualidade humana. Maringá, PR, 2011.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- UNESCO. Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade: Uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde. Paris: UNESCO, 2010.

Recebido em: 1 de julho de 2026.

Aprovado em: 21 de agosto de 2026.

ⁱ Natalia Tatielly Silva da Cruz. Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), semestre 2025/2. Sinop, Mato Grosso, Brasil.